



## **O diálogo dos saberes na formação superior de tecnólogos em Agroecologia, turma Ticuna de Umariáçu, Tabatinga (AM)**

*The dialogue of knowledge in the higher education of technologists in agroecology, Ticuna class of Umariáçu, Tabatinga (AM)*

BROCKI, Elisabete<sup>1</sup>; BASSINI, Fábio<sup>1</sup>; FERREIRA, Rejane Gomes<sup>1</sup>; UGUEN, Katell<sup>1</sup>; GARCÍA, Marial del Pilar Díaz<sup>1</sup>; BRUNO, Marcelle Mariano<sup>2</sup>; COELHO, Ismael Araújo<sup>2</sup>; AGUILA, Sara Andréia Leão del<sup>2</sup>; BRUNO, Albertino Luciano<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professores da Universidade do Estado do Amazonas, ebrocki@uea.edu.br; bassini@uea.edu.br; rejane@uea.edu.br; kuguen@uea.edu.br; mgarcia@uea.edu.br

<sup>2</sup>Acadêmicos ticuna do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade do Estado do Amazonas, agrommb@gmail.com; tikunayoi@gmail.com; sarittikuna.18@hotmail.com

### **Eixo Temático: Educação formal em Agroecologia**

**Resumo:** Os povos indígenas têm amparo legal na demanda à Universidade do Estado do Amazonas por cursos específicos. Em atendimento ao povo ticuna, o mais numeroso do Brasil, a Universidade ofertou em 2015 o curso superior de tecnologia em Agroecologia aos indígenas de Umariáçu, em Tabatinga. Busca-se evidenciar os caminhos percorridos pelo corpo docente durante o processo de ensino-aprendizagem, com adequação do projeto pedagógico e uso de estratégias dialógicas que partissem dos saberes ticuna, incluindo a realização de projetos de pesquisa participante sobre trilhas culturais, roças e alimentos ticuna. Os resultados evidenciam a valorização da cultura ticuna, o diálogo intergeracional e a troca de experiências com estudantes das escolas indígenas.

**Palavras-chave:** Educação indígena; metodologias participativas; fronteira; Amazônia.

**Keywords:** Indigenous educations; participatory methodologies; frontier; Amazon.

**Abstract:** Indigenous peoples have legal support in demanding to the University of the State of Amazonas for specific courses. In attendance to the Ticuna people, the most numerous in Brazil, the University offered in 2015 the course of technology in agroecology to the ticanos of Umariáçu, in Tabatinga. This paper seeks to highlight the paths followed by the faculty during the teaching-learning process, adapting the pedagogical project with the use of dialogical strategies that started from Ticunas' knowledge, including participating research projects on cultural trails, shifting cultivated plots ("roças") and Ticuna food. The results show the appreciation of Ticuna culture, intergenerational dialogue and the exchange of experiences with students of indigenous schools.

### **Introdução**

Está nos princípios constitucionais e na legislação nacional e internacional o direito fundamental aos povos indígenas de educação e cidadania, com a garantia de acesso aos conhecimentos técnicos e científicos e a valorização de suas línguas e ciências. Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), aos povos indígenas do Amazonas são asseguradas vagas nos cursos regulares, bem como pleitear cursos específicos, estabelecendo o diálogo intercultural e priorizando as áreas de maior concentração desses povos (AMAZONAS, 2004). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, no art. 78, estabelece que a educação indígena deva promover "a recuperação de



suas memórias históricas, a valorização de suas línguas e ciências” e o “acesso aos conhecimentos técnicos e científicos” (BRASIL, 1996).

Em atendimento à demanda das lideranças do povo ticuna, o mais numeroso do país, a UEA ofertou o curso superior de tecnologia em Agroecologia, para os habitantes da Terra Indígena (TI) Tukuna Umariáçu, situada no município de Tabatinga, no Alto Solimões, na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru.

O trabalho tem o objetivo de evidenciar os caminhos construídos de pesquisa e extensão, no formato de projetos interdisciplinares e integradores, com uso de estratégias dialógicas que partissem dos saberes ticuna, alinhavados ao conhecimento agroecológico.

## **Metodologia**

Tabatinga é um município criado em 1983, situado no oeste do Estado do Amazonas, no Alto Solimões, sendo conurbada à cidade de Letícia, na Colômbia. Na margem oposta do rio Solimões, está Santa Rosa, no Peru. O único transporte coletivo da cidade de Tabatinga são vans ou kombis que saem da TI Umariáçu, percorrem a avenida da Amizade, se dirigem ao mercado municipal de Tabatinga e tem destino final Letícia, próximo ao mercado municipal dessa cidade, evidenciando uma dinâmica periurbana de Umariáçu.

O povo ticuna é o mais numeroso do país e 97% da extensão territorial de Tabatinga são terras indígenas ticuna, dentre as quais Umariáçu. A TI Umariáçu possui área de aproximadamente 5000 ha e está situada na margem esquerda do rio Solimões, confluência com rio Javari, do lado direito. Homologada em 1908, foi a primeira TI a ser reconhecida no Alto Solimões, em 1945 (BRASIL, 1998). Tem população estimada no Censo Demográfico de 2010 em 5.368 habitantes (IBGE, 2012), organizada em duas comunidades: Umariáçu 1 e Umariáçu 2. Boa parte da extensão da TI é coberta por florestas, com destaque para formações de palmeiras, em ambiente alagadiço denominado “chavascal” e florestas de terra firme e de várzea, com a presença de vegetação antropizada. Nas duas comunidades ou vilas há escolas indígenas até o ensino médio e postos de saúde indígena.

A turma de Umariáçu do curso superior de tecnologia em Agroecologia da UEA é a sétima edição do curso, sendo que a primeira turma foi de Parintins, no baixo Amazonas, em 2008. O curso é modular, de oferta especial, ou seja, as turmas são formadas conforme demanda dos municípios. Para além da licenciatura intercultural, o curso de tecnologia em agroecologia é o primeiro tecnológico e nas ciências agrárias, ofertado para indígenas pela UEA.

Em 2015, o vestibular foi realizado por meio de Edital exclusivo, com 40 vagas para membros de Umariáçu. Foram deferidas 302 inscrições para a realização de duas provas: uma de conhecimentos gerais, com a interpretação de texto em língua ticuna e a outra, redação, em língua portuguesa. O curso teve início em 2016, com as 40

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



vagas preenchidas. As aulas teóricas ocorrem no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) da UEA, e as práticas de agroecologia, são realizadas na TI. A partir de 2017, o Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDE) de Agroecologia, docentes do CESTB e algumas lideranças, em conjunto com os alunos, definiram as estratégias da formação profissional e prioridades de ação para o Projeto Pedagógico do curso. Em setembro de 2017, foi realizada como resultado da disciplina Metodologias participativas, uma oficina de Planejamento Participativo do Curso de Agroecologia, ocasião em que foi elaborada a Carta de Umariáçu, documento que elencou pontos/ações que contemplavam as especificidades do povo ticuna a serem fortalecidas no curso. Desse modo, foram priorizados projetos de extensão que contemplassem as demandas dos alunos e da comunidade ticuna da TI.

## Resultados e discussão

Na carta de Umariáçu constam como principais prioridades: a segurança alimentar com foco em aspectos da qualidade e diversidade de alimentos, a revitalização dos saberes tradicionais e a interação com as escolas e as comunidades ticuna da TI.

Cerca de 80% das famílias ticuna de Umariáçu praticam a agricultura na forma de roças, trabalho da família, com o predomínio de policultivos de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), abacaxi (*Ananas comosus* L. Merrill.), banana (*Musa* sp.), entre outros. Ao redor das roças há numerosas espécies arbustivas e arbóreas de uso múltiplo, predominantemente as frutíferas como mapati (*Pourouma cecropiifolia* Mart.), açai (*Euterpe precatoria* Mart.), buriti (*Mauritia flexuosa* L.), entre outras, constatados também por Macedo et al. (2014). A produção dos roçados se destina predominantemente ao consumo da família e são comercializados essencialmente a farinha e as frutas. De acordo com Macedo et al. (2014), as famílias ticuna de Umariáçu cultivam roças em terra firme (59%), em várzea (10%) e o restante em terra firme e várzea (31%). A produção em policultivos, com diversidade inter e intraespecífica observados em Umariáçu, são muito comuns na região do Alto Solimões (NODA et al., 2012). No trabalho familiar há divisão entre os gêneros, sendo as mulheres detentoras do conhecimento sobre o manejo, a domesticação e a conservação da biodiversidade, que se expressa no saber e na compreensão do ciclo produtivo de todos alimentos necessários à sobrevivência da comunidade (URUBURU-GILÈDE, 2016).

Com a participação direta dos alunos foram elaborados três projetos de extensão, aprovados no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PROGEX) UEA, em 2018, que priorizam uma relação dialógica entre saberes interdisciplinares, com foco na segurança alimentar: *Üanetchiga*: revitalização do etnoconhecimento ticuna das roças; *Torü naanearü wüeegupane*: trilhas culturais, e revitalização da produção de alimentos típicos. Os procedimentos metodológicos participativos seguem a dialética da complexidade sistêmica (MORIN, 2002), por meio da ação-reflexão-ação (THIOLENT, 1985), com atuação de lideranças e alunos da TI, e a participação de toda a turma ticuna de Agroecologia.



### *“Üanetchiga”: revitalização do etnoconhecimento ticuna das roças*

As roças ticuna são um símbolo cultural herdado de seus antepassados e a mandioca está fortemente ligada ao acervo mítico de surgimento dos humanos, pois os primeiros homens foram pescados com isca de macaxeira no rio Eware e dela se alimentaram inicialmente (GRUBER, 1997). O projeto *Üanetchiga* busca revitalizar o conhecimento tradicional de cultivo das roças, por meio da história oral e do registro audiovisual com a produção de um vídeo. O trabalho possibilita o debate coletivo da informação, potencializando os processos tradicionais de diálogo adaptados às formas culturais dos povos indígenas, com base na oralidade (NUNES, 2016).

### *“Torü naanearü wüeegupane”: trilhas culturais ticuna da terra indígena Umariáçu*

Território é um conceito que deve ser compreendido em suas múltiplas formas e funções (HAESBAERT, 2013), entendendo-se a territorialidade como uma expressão geográfica de poder. As trilhas ou caminhos em Umariáçu levam às roças, casas de farinha, igarapés, matas e limites da TI. Esses caminhos têm nas suas bordas espécies frutíferas, para alimentação humana e da fauna silvestre, e de uso múltiplo. As trilhas percorrem mosaicos de áreas de policultivo, capoeiras enriquecidas e matas. São favorecidas espécies para a alimentação da fauna. Há um rico saber sobre as espécies e unidade de paisagem, imbricados às crenças e valores próprios, incluindo “donos” das árvores e outros seres que protegem as plantas e os animais (GRUBER, 1997). O projeto visa dar ensejo a representação das trilhas culturais da TI, por meio de croquis, com a produção de uma cartilha bilíngue, desenvolvida a partir do mapeamento participativo, nas escolas indígenas. Assim, os alunos engendram o conhecimento acadêmico, articulado ao conhecimento local, de Umariáçu.

### *Revitalização da produção de alimentos típicos*

A superexploração das florestas próximas às comunidades causa a escassez de frutos silvestres e demais recursos para construções e artesanato (URUBURU-GILÈDE, 2016). Aliado a esse risco, tem-se a oferta de produtos alimentícios industrializados em vendas, favorecendo as mudanças na forma de vida das famílias, anteriormente autossuficientes, que atualmente assimilam hábitos da sociedade de consumo, causando deficiências nutricionais e dependência da cadeia de mercado. Lima, Ferreira Neto e Farias (2015) indicam a necessidade da compreensão das práticas alimentares, que traz à tona a existência de uma relação na qual os fatores fisiológicos, simbólicos e culturais podem estar atrelados. Trata-se de uma ação que vai além da ingestão de alimentos, pois guarda significados que envolvem uma herança cultural, afetiva e social. O projeto visa revitalizar práticas culturais e produção de alimentos típicos do povo Ticuna e, de modo específico, reconhecer os ingredientes básicos utilizados na alimentação, registrar os processos de obtenção e preparação dos alimentos e divulgar entre a comunidade de estudantes de Umariáçu as informações sobre a alimentação do povo ticuna.

### **Considerações finais**

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Com a turma ticuna participando dos projetos de extensão, estão sendo cumpridas demandas pactuadas na construção do projeto pedagógico do curso superior de tecnologia em Agroecologia da UEA. Os resultados finais serão apresentados e discutidos com lideranças e jovens nas escolas locais.

## Agradecimentos

Agradecemos a Dikciney R. Lopes (Cacique de Umariáçu 1) e João Cruz e Sildonei M. da Silva (respectivamente, ex e atual, Caciques de Umariáçu 2). E aos demais 28 alunos de agroecologia, turma da TI Tukuna Umariáçu, participantes dos projetos, e à UEA, pelas bolsas de extensão, programa PROGEX, edição 2018-2019.

## Referências

AMAZONAS (Estado). LEI Ordinária nº 2894/2004 de 31/05/2004. DISPÕE sobre as vagas oferecidas em concursos vestibulares pela Universidade do Estado do Amazonas e dá outras providências.

BRASIL. DECRETO SN de 11/12/1998. HOMOLOGA demarcação da terra indígena Tukuna Umariáçu. **D.O.U.**, 14/12/1988, p. 23.

BRASIL. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

GRUBER, J. (Org.). **O livro das árvores**. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues, 1997.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10. **Anais...**, São Paulo, USP, AGB, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Os indígenas no Censo Demográfico de 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LIMA, R.S.; FERREIRA NETO, J.A.; FARIAS, R.C.P. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. **Demetra**, v.10, n. 3, p. 507-522, 2015.

MACEDO, A. M. et al. Economia indígena: os modos de produzir e viver dos Ticuna na cidade de Tabatinga (AM). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 19. 2014, São Pedro/SP. **Anais...**, São Paulo: ABEP, 2014.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.



NODA, S. et al . Paisagens e etnoconhecimentos na agricultura Ticuna e Cocama no alto rio Solimões, Amazonas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.**, Belém, v. 7, n. 2, p. 397-416, ago. 2012.

NUNES, K.M. (R)existir com imagens: considerações sobre a produção audiovisual indígena no Brasil. **Brasiliana**, v. 5, n.1, p. 318-343, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez,1985

URUBURU-GILÈDE, S. Chagras y alimentación: espacios culturales que se transformam. **Rev. Razón y Palabra**, v, 20, n. 3., p. 457-472, 2016.